

A REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA DOS RODOVIÁRIOS EM SITUAÇÃO DE PROTESTOS NAS MANCHETES DE JORNAIS *ON-LINE*

DISCOURSE REPRESENTATION OF BUS WORKERS IN PROTEST ON WEB NEWSPAPER HEADLINES

Sinara Bertholdo 1

Resumo: Neste artigo analisamos a complexidade de investigar problemas sociais por meio dos discursos, utilizando as categorias discursivas de tempo e espaço da Análise de Discurso Crítica. O contexto discursivo estudado foi o da situação do transporte público sobre a perspectiva do protagonismo dos protestos de rodoviários/as e por isso a articulação argumentativa do texto foi construída a partir de uma perspectiva crítica entre AD e Semiótica. Os dados analisados são manchetes de notícias web, coletadas nas plataformas dos dois principais jornais da cidade de Brasília¹. Os resultados das pesquisas sociais não têm o objetivo de generalização sobre os dados, pois esses dados são espacial e temporalmente específicos de uma situação sócio-histórica. Isso significa dizer que o caminho da pesquisa qualitativa é tão relevante quanto o resultado, no sentido de oferecer subsídios para outros estudos que provoquem consciência crítica e mudança social. Este artigo analisou a representação discursiva de protestos de trabalhadores/as rodoviários/as nas manchetes de jornais, focalizando a situação social do transporte público da cidade de Brasília, enfatizando que o transporte público, além de todos os problemas sociais (infraestrutura, preço, acessibilidade, violência, entre outros), é também um problema discursivo.

Palavras-chave: ADC. Representação Discursiva. Jornal on-line. Trabalhadores Rodoviários.

Abstract: In this article we analyzed the complexity of investigating social problems through discourses, using the discourses categories 'time and space' of Critical Discourse Analysis. The discursive context studied was that of the situation of public transport on the perspective of the protagonism of bus workers' protests in web newspapers headlines. The text's argumentative articulation was built from a critical perspective between AD and Semiotics. The analyzed data are headlines from web news, collected on the platforms of the two main newspapers in the city of Brasília. The results of social research are not intended to generalize data, as these data are spatially and temporally specific to a socio-historical situation. This means that the path of qualitative research is as relevant as the result, in the sense of offering subsidies for other studies that provoke critical awareness and social change. This article analyzed the discourse representation of bus workers' protests in web newspaper headlines. The focus on the social situation of public transport in the city of Brasília, in addition to all social problems (infrastructure, price, accessibility, violence, among others), is also a discourse problem.

Keywords: CDA. Discourse Representation. Web Newspaper. Bus Workers.

Introdução

Nas chamadas Jornadas de Junho (2013), a pauta inicial era o aumento das passagens do transporte público, primeiramente em São Paulo e posteriormente em outras cidades. Tudo isso foi *espetacularizado* (THOMPSON, 2011) pela mídia tradicional (televisiva, impressa e digital). Ao acompanhar as notícias sobre a Jornada de Junho, observamos que as mídias não enfocavam os/as rodoviários/as ou quaisquer trabalhadores/as ligados/as ao transporte público coletivo (metroviários/as, por exemplo).

Os jornais como suportes para mensagens, que instituem formas de pensamento em seus textos, identificam, representam e acionam práticas sociais (FAIRCLOUGH, 2008; 2010). Os discursos encontram nos jornais suportes essenciais para a construção de relações sociais que se tornam hegemônicas pela estrutura social vigente baseada em um modo de produção capitalista.

Por esse motivo e tendo a Análise de Discurso Crítica (ADC) como ferramenta teórica-metodológica, este artigo delinea acerca da análise de manchetes que traziam como protagonistas os/as rodoviários/as de Brasília. Com o intuito de responder à questão de pesquisa: como os/as rodoviários/as são representados discursivamente em manchetes no Jornal de Brasília e no Correio Braziliense?

Para início de conversa, a pesquisa cunhou-se na observação de notícias sobre protestos, não quaisquer protestos, mas os protestos de rodoviários na cidade de Brasília. O trabalho discursivo da imprensa é examinado aqui pela perspectiva da representação desse tipo de protesto em jornais, especificamente em suas plataformas digitais. O interesse pelo discurso jornalístico *web* deve-se à observação da relevância de notícias sobre transporte como informação rotineira à população. Os jornais escolhidos foram *Jornal de Brasília* e *Correio Braziliense*. O período de levantamento dos textos considerou o intervalo de dezembro de 2013 a dezembro de 2014. O tema do transporte público vincula muitos cenários, atores sociais, discursos e categorias profissionais. Para fazer desta uma pesquisa possível, precisamos nos atentar a essa complexidade, pois uma compreensão adequada dos acontecimentos sociais pode exigir muitos métodos e dados: “um pluralismo metodológico se origina como uma necessidade metodológica” (BAUER & GASKELL, 2011, p. 18). A Internet facilitou o conhecimento do problema e por isso foi escolhida como espaço discursivo do levantamento de dados.

Para entender melhor os aspectos discursivos do tema, procuramos em outras searas de estudos sobre a temática do transporte público. Encontramos no teórico da geografia Villaça (2011, p. 377) uma explicação espacial sobre a questão da segregação social, pois de acordo com esse autor “as famílias de baixa renda são obrigadas a realizarem longos deslocamentos entre moradia e trabalho tendo em vista a localização de ambos. Já se anuncia aqui a relação entre a segregação e os transportes”. Isso se torna claro nos dados das manchetes, em que são apontadas as regiões afetadas pelas paralisações e o *sofrimento* da população de não conseguir chegar em casa ou no trabalho. Há uma hierarquização do espaço público, pois é “interesse das camadas de renda mais alta – e o domínio que exercem sobre o mercado – que levam à proximidade entre seus locais de trabalho e serviços e de residência. O mesmo não se dá com as camadas de renda mais baixa” (VILLAÇA, 2011, p. 379).

O tema do transporte já vem sendo trabalhado na geografia desde 1897, com o trabalho de Alfred Hettner, geógrafo alemão. Posteriormente, em 1906, surgiu a teoria geral dos transportes, de Friedrich Ratzel. O estudo sobre transportes aprofunda-se em questões espaciais a partir da década de 1950, com o trabalho de Ullman (1959):

A recente retomada de estudos geográficos sobre transportes encontra atualmente uma ampla gama de problemáticas, contextualizadas sob um ponto de vista mais crítico e condizente com as contradições inerentes ao modo de produção capitalista. Estas discussões versam atualmente tanto sobre a relação entre transportes e desenvolvimento econômico, como entre transportes e desenvolvimento regional e, ainda, sobre imbricações entre os transportes no

espaço da cidade e sua ação estruturada (COCCO & SILVEIRA, 2011, p. 554).

O transporte no espaço da cidade é um problema discursivo textualizado em jornais. Quero dizer que a forma como os jornais representam o problema do transporte público afeta a ação dos atores sociais envolvidos (VAN LEEUWEN, 2008). Cocco e Silveira (2011) observam que os estudos da geografia de transportes devem ser baseados no materialismo histórico e dialético porque é impossível não perceber a relação imbricada entre 'desenvolvimento de transportes públicos e desenvolvimento econômico mais amplo'. Refletir sobre quem usa transporte público coletivo, em Brasília, confirma a relação socioeconômica que Cocco e Silveira descrevem.

A complexidade do assunto foi abordada como questão epistemológica, em que escolhemos ter como ponto de partida o ser humano, seu trabalho e sua insatisfação demonstrada em protestos. Para Engels ([escrito em 1896] 2013, p.14), "o trabalho [...] é a condição básica e fundamental de toda a vida humana. E em tal grau que, até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem (*sic.*)". Isso significa dizer que não há como estudar a sociedade sem atentar para o trabalho. A centralidade do/a trabalhador/a neste artigo está relacionada à prática social do protesto e do problema social do transporte. O problema social do transporte é entendido assim como parcialmente discursivo.

A materialidade de relações hegemônicas é dada também na materialidade do discurso, ou seja, em textos (FAIRCLOUGH, 2008). Os textos sempre estão mediados por propósitos de quem produz significados, tematizando interesses, abordando estratégias de uso, com fatores emocionais e construções de metáforas. Os textos estão carregados de significados que identificam e representam a sociedade e seus problemas, portanto, o texto só pode ser social. Os textos que se corporificam neste artigo são ações discursivas que identificam e representam certos aspectos da vida de um grupo profissional.

Toda essa articulação é baseada na pesquisa qualitativa como uma escolha engajada política e socialmente. Na próxima seção, explicamos o porquê da escolha pela pesquisa qualitativa e apontamos passos importantes para o processo investigativo e analítico.

Metodologia

Os resultados das pesquisas sociais não têm o objetivo de generalização sobre os dados, pois esses dados são espacial e temporalmente específicos de uma situação sócio-histórica. Isso significa dizer que o caminho da pesquisa qualitativa é tão relevante quanto o resultado, no sentido de oferecer subsídios para outros estudos que provoquem consciência crítica e mudança social.

Esta escolha pela pesquisa qualitativa é uma posição epistemológica de como buscar entender o mundo, por meio de narrativas em vez de por meio de números. O meio científico dos estudos em humanidades – linguagem, relações sociais etc. – é obviamente diferente do meio dos estudos da natureza e das tecnologias, pois nossas pesquisas confundem-se, muitas vezes, com nossas experiências pessoais, o que exige o reconhecimento de subjetividade.

A pesquisa qualitativa vem ganhando espaço nas mais diversas áreas do conhecimento, "já tendo desenvolvido uma identidade própria", visando a uma abordagem de entendimento, de descrição e de explicação de processos sociais "de dentro" (FLICK, 2009, p. 8). A análise de experiências de grupos ou pessoas é ponto basilar das pesquisas qualitativas, enfocando a comunicação como experiência humana central, o que se mostra também na delimitação dos temas.

Para que uma pesquisa seja caracterizada como qualitativa, segundo Flick (2009), é importante que: 1) tenha interesse no acesso a experiências, interações e documentos em seu contexto natural, e de uma forma que dê espaço às suas particularidades e aos materiais nos quais são estudados; 2) abstenha-se de estabelecer um conceito bem definido daquilo que estuda e de formular hipóteses no início para depois testá-las – em vez disso, os conceitos são desenvolvidos e refinados no processo de pesquisa, que é dirigido por perguntas, e não afirma-

ções; 3) os métodos e as teorias sejam adequados aos dados e não o contrário, de modo que a própria pesquisa dará o desenrolar do caminho; 4) não haja imparcialidade da pesquisadora no processo de pesquisa (no meu caso, entendo que sou parte do processo e que tal condição deve ser refletida no trabalho); 5) o contexto seja parte importante para entender a questão de estudo. Por fim, Flick ainda registra que o texto é parte central da pesquisa qualitativa, que permite uma conjuntura documentada do problema estudado.

Os textos são mediadores da vida social, e por isso a pesquisa qualitativa se centra neles. Mason (2002, p. 15) considera “a pesquisa qualitativa como o paradigma adequado para o estudo da textura e da tessitura da vida cotidiana”, o que possibilita a quem faz pesquisa qualitativa explorar uma gama ampla de dimensões sociais, tais como: atores sociais, experiências, textos, discursos, ações, práticas de ação cultural entre outras.

Ao explorar essas dimensões sociais, podemos identificar relações discursivas que prejudicam o desenvolvimento social em favor de crenças e mitos historicamente reproduzidos pelos interesses de uma minoria, o que prejudica o bem-estar social e o acesso pleno aos direitos humanos. O paradigma discursivo como ponto central de uma pesquisa qualitativa corrobora para “compreensão sobre o mundo e o estabelecimento do discurso como objeto transversal a todas as disciplinas das ciências humanas e sociais” (PARDO ABRIL, 2013, p. 19). Dessa maneira, estudiosos/as do discurso podem, por meio de análises discursivas, fazer emergir discursos que mantêm ‘escolhas’ ideológicas de grupos privilegiados:

A ideia de um sujeito plenamente “responsável” por seus atos, em termos morais e criminais, claramente atende à necessidade ideológica de esconder a complexa trama, sempre já operante, dos pressupostos histórico-discursivos, que não apenas dão o contexto do ato praticado pelo sujeito, mas também definem de antemão as coordenadas de seu sentido: o sistema só pode funcionar se a causa de sua disfunção puder ser situada na “culpa” do sujeito responsável (ZIZEK, Slavoj, 1996, p. 11).

Nesse trecho, Zizek reconhece que o indivíduo já nasce em uma estrutura social predisposta, mas isso não significa dizer que não haja como identificar lacunas que podem ser estrategicamente utilizadas para modificar a trama ideológica preestabelecida. A ADC é importante ferramenta para investigar, por meio de textos, práticas sociais e discursivas que sustentam as pressuposições sociais dentro do campo profissional (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999).

O conhecimento social deve ser vinculado à reflexão de questões éticas, já que na pesquisa qualitativa é esperado um engajamento social e político. A reflexão metodológica foi sendo amadurecida com o cumprimento das etapas de pesquisa, e na vivência da pesquisa foram-se delimitando as epistemes que seriam usadas como formas de explicar e expressar a ontologia e os métodos adequados à investigação dos temas aqui conectados. Nesse caminho, foi construída a questão de pesquisa que nos ajudaram na demarcação analítica dos dados e das categorias de análise. Daí, a partir do acompanhamento da mídia jornalística e o interesse por se fazer um estudo local, foram se delimitando os critérios de seleção das manchetes. Primeiramente, optamos pela mídia jornalística *on-line* local, depois levamos em consideração a quantidade de leitores/as, tempo da mídia na cidade de Brasília e conhecimento do senso comum da mídia como forma de se chegar aos jornais: *Jornal de Brasília* e *Correio Braziliense* (RICHARDSON, 2007).

A conduta adotada para a coleta dessas manchetes foi temática, tendo como entradas de busca as seguintes palavras-chave: paralisação de rodoviários / paralisação dos rodoviários; greve de rodoviários / greve dos rodoviários; protesto de rodoviários / protesto dos rodoviários; manifestação de rodoviários / dos rodoviários; rodoviários. A partir dessa busca, nas duas plataformas dos jornais, conseguimos chegar ao número de 34 manchetes do *Jornal de Brasília* e 57 manchetes do *Correio Braziliense* no período de um ano, dezembro de 2013 a dezembro de 2014.

A coleta de dados, como já dito anteriormente, iniciou-se em dezembro de 2013. A seleção levou em consideração estar expressamente escrito nas manchetes os vocábulos paralisação (e seus sinônimos contextuais: protesto/ greve/ manifestação) e rodoviários. Como primeira abordagem para conhecimento da representação discursiva, observamos os atores sociais que são identificados nos textos. Vejamos a seguir.

Figura 1. Atores sociais.



Fonte: BERTHOLDO, S. (2017).

Além de rodoviários/as, que é o grupo protagonista das notícias coletadas, foram mapeados os atores acima identificados. A *população* se divide em dois grupos: *usuários/as* do transporte público e *motoristas*. O importante de mapear os atores envolvidos na temática foi o de possibilitar a observação das ações que estavam representadas discursivamente em relação a cada um dos atores sociais identificados. Essas ações caracterizaram esses atores e contaram uma parte da história da problemática do transporte público. Essa consciência que o mapeamento desses atores pode provocar, é a consciência crítica sobre o papel desempenhado e o papel atribuído pelas representações discursivas nas manchetes.

Para contemplar esse eixo desta pesquisa, a sociologia nos ajudou a compreender o contexto das manchetes e a entender o problema social do ponto de vista da representação do/a trabalhador/a; já a geografia, juntamente com a antropologia (DAMATTA, 1998), fez perceber o trânsito como protagonista de um espaço público hierarquizado historicamente pelo próprio uso dos diferentes tipos de transporte. Claro que o protagonismo metafórico do trânsito, em algumas notícias, em detrimento do protagonismo do ator social *rodoviários/as*, é uma questão sociológica, bem como discursiva (LAKOFF; JOHNSON, 2003). Na próxima seção, explicamos as teorias discursivas a qual nos filiamos.

Pressupostos teóricos

De acordo com Mey (2001, p. 19), “tomar uma formação societal como texto implica atribuir vozes: primeiramente, falantes e ouvintes, mas também eventuais espectadores, ouvintes desconhecidos, leitores (próximos e distantes, tanto no tempo como no espaço), juizes, pesquisadores etc.”. O motivo desse interesse é que o espaço semiótico de um texto pode ser interpretado sistemicamente como uma rede de sistemas, na qual vozes são operacionalizadas em texto. Essas redes de sistemas constroem um espaço semiótico contínuo, em que a continuidade está tanto na sequência cronológica das notícias (datas dos protestos e das notícias, ou seja, *tempo discursivo*) quanto na frequência de publicação de notícias sobre o tema de protesto de rodoviários (quantidade de notícias e espaço dado no jornal, ou seja, *espaço discursivo*). Esse espaço semiótico¹ é representado em textos, que constituem o ato comunicativo,

1 “A ideia de que toda produção de sentido depende do social se configura como algo problemático e essencial

o que indica a linguística como instrumento utilizado por analistas de discurso para análise de instâncias discursivas que representam, identificam e/ou acionam relações hegemônicas que geram problemas sociais (RESENDE, 2008).

A ADC, na versão desenvolvida por Fairclough a partir das premissas linguísticas de Halliday, e posteriormente desenvolvida na América Latina, utiliza-se da multifuncionalidade da linguagem como maneira de processar analiticamente a ação, a representação e a identificação dessas vozes textualizadas. Magalhães (2004) assinala a importância de compreender e qualificar os efeitos sociais no texto, pois não é causal a relação entre texto e contexto, e, sim, dialética. A autora ressalta que “os textos são elementos dos eventos sociais que se relacionam dialeticamente com elementos não-discursivos” (MAGALHÃES, 2004, p. 114).

As pautas editoriais de jornais, que atendem a determinados interesses políticos, culturais e econômicos, é parte das narrativas desenvolvidas no contexto social e formuladas a partir da estrutura social, atribuindo vozes elementares para a formação de dada sociedade, no caso da sociedade brasileira. Como forma de inovar no campo discursivo, este estudo contribui na perspectiva teórico-metodológica ao articular protesto e trânsito como formas discursivas do problema do transporte público coletivo no Brasil.

A notícia como gênero discursivo é objeto de mercado que atende a determinados interesses e que tem valor econômico. Johannes Gutenberg (1398-1468) imprimiu a Bíblia, em 1452, inventando a assim a roda midiática. A imprensa periódica ocidental surgiu no contexto da literatura do século XVI, de Cervantes e de Shakespeare, quando as línguas dos colonizadores europeus ganharam amplitude por causa das rotas marítimas e das conquistas de territórios (LAGE, 2006). Os primeiros jornais circularam na Alemanha, no século XVII, em 1609. Na América Latina, o primeiro jornal a circular, intitulado *Gaceta de Mexico y de Nueva España*, foi no ano de 1722, portanto no século XVIII. No Brasil, a imprensa só foi legalizada no século XIX, em 1808, com a transferência da família real e a criação do jornal *Gazeta do Rio de Janeiro*. O fato de a imprensa só ter sido legalizada no Brasil com a chegada da família real indica a que interesses as notícias do jornal brasileiro serviam (e ainda servem).

A comunicação é política. O uso da língua é político. Assim, a notícia é uma forma política de se construir significados dos mais diversos temas sociais. Estruturalmente, os manuais de redação oficiais “abordam o gênero notícia apenas como maneira de estruturação do texto e se restringem a dois elementos: a estruturação da lide² e o princípio da pirâmide invertida” (JORGE, 2013, p. 83). Na prática isso não acontece, o jornalismo *on-line* não é rigoroso em relação à estrutura de suas notícias, as manchetes destoam do conteúdo do corpo do texto da notícia:

Do ponto de vista da estrutura, a notícia se define, no jornalismo moderno, como o relato de uma série de fatos, a partir do fato mais importante ou interessante; e, de fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante. Essa definição pode ser considerada por uma série de aspectos. Em primeiro lugar, indica que não se trata exatamente de narrar os

ao mesmo tempo. Essencial porque, ao que tudo indica, é impossível conceber qualquer fenômeno de sentido à margem do trabalho significativo de uma cultura, seja ela for, e, por conseguinte, fora de uma sociedade determinada. Problemática porque nem sempre tem sido fácil extrair daí todas as consequências para uma teoria do sentido. [...] É evidente, ante do mais, que, do ponto de vista da análise do sentido, o ponto de partida não pode ser senão o sentido produzido. O acesso à rede semiótica implica sempre um trabalho que se exerce sobre fragmentos extraídos do processo semiótico e, por conseguinte, em relação a uma cristalização (resultado da intervenção da análise) das três posições funcionais [identificacional, relacional e acional]. Trabalha-se, assim, como estados, que não passam de pedacinhos do tecido da semiose, transformados em produtos pelo recorte. A possibilidade de qualquer análise do sentido repousa na hipótese, fundamental, de que o sistema produtivo deixou traços nos produtos.” (VERÓN, 1980, p. 173-188).

2 “Geralmente o primeiro parágrafo do texto jornalístico – que dá à notícia a configuração como gênero, porque ele é, em si, uma forma de organização dos fatos conforme o princípio de hierarquização, a partir do aspecto considerado mais importante ou relevante” (JORGE, 2013, p. 83).

acontecimentos, mas de expô-los (LAGE, 2006).

As manchetes colaboram com a criação dos sistemas axiológicos. Os sistemas axiológicos em questão quando se trata da imprensa tradicional estão ligados a valores de mercado e a lógica de consumo. “O jornalismo é um negócio, e os gerentes da empresa devem manter o orçamento equilibrado e atrair clientes” (KOVACK; ROSENSTEIL, 2004, p. 81), assim se constrói a lógica de mercado. A relação econômica permeia a agenda de notícias dos jornais. O papel deste trabalho, portanto, é identificar que recursos estão implicados na estratégia discursiva das notícias coletadas, no sentido de salientar a pretensão discursiva das condutas das notícias sobre os protestos de rodoviários.

O jornalismo mudou de formato nos últimos anos, e com eles também mudou o formato das suas notícias. O formato e o conteúdo têm suas especificidades que compõem os diferentes tipos de gêneros textuais, fazendo da notícia *on-line* um gênero textual do jornalismo. Com a praticidade da leitura *on-line* de jornais, o jornal impresso entrou em crise. O século XXI tem sido caracterizado pela crise do jornal impresso. O advento da internet deu acesso a notícias *on-line*, as quais se tornaram mais corriqueiras para parte da população. Esse processo também modificou as agendas de notícias, e os protestos de rodoviários são um tipo de notícia tipicamente *on-line*, o que posso afirmar por haver pesquisado em arquivos impressos dos jornais em tela e encontrado apenas duas notícias sobre o assunto no mesmo período da pesquisa *on-line*.

Os jornais *on-line* se tornaram laboratórios de estudo discursivos, principalmente na América do Sul, com importante colaboração de pesquisadoras e pesquisadores do Brasil, Argentina, Chile, Colômbia, Venezuela, por meio da Rede Latino-Americana de Análise de Discurso Crítica sobre Pobreza. Dessa maneira, esse trabalho se identifica com o trabalho que a professora Neyla Graciela Pardo Abril vem desenvolvendo na Colômbia sobre o estudo de mídias *on-line*.

Esse grupo de pesquisadoras/es entende que o exercício metodológico e a reflexão teórica, a qual nos propomos, podem ser reaplicados na explicação dos fenômenos complexos constituídos na realidade comunicativa e midiática do mundo global, bem como no mundo local. Este artigo se filia a essa linhagem de pensamento por entender que a comunicação midiática é uma atividade social que conjuga a multiplicidade de atores às diversas emoções imbricada na racionalidade múltipla e motivacional que o trabalho da mídia promove. Por isso, optamos por uma proposta analítica que aspira recuperar o conjunto de relações produzido em manchetes, nesse estudo, para, assim, alçarmos a formulação de uma análise sistemática dos discursos midiáticos (PARDO ABRIL, 2016).

A escolha pelos principais jornais na cidade de Brasília alinha-se ao método de seleção defendido por Pardo Abril, que sugere foco em “instâncias de maior prestígio midiático [...], com o qual se delinea seu papel protagonista na difusão de informação e a produção de análise sobre os assuntos públicos” (*ibid*). A mídia inclui um número muito grande de gêneros textuais sendo produzidos, distribuídos e consumidos todos os dias, e nessa miríade optamos por analisar manchetes de notícias no formato *web*.

Já se disse que o texto é a unidade mínima de análise em ADC, neste artigo compreendemos a manchete como texto e para isso utilizamos das categorias de tempo e espaço discursivo desenvolvidas por van Leeuwen (2008). As escolhas dessas categorias se deram na perspectiva empírica desenvolvida ao longo da leitura dos dados, quando se percebeu que as manchetes sobre os protestos de rodoviários/as em Brasília ocupavam uma cronologia direcionada ao fluxo dos principais horários de ‘pico’ do trânsito e dos espaços de tráfego relacionados a determinadas áreas que ligam a cidade.

Os textos, portanto, são instâncias discursivas que estão presentes em vários campos sociais e são parte da construção de ações, interações entre pessoas, assim como identificam as relações sociais e o papéis sociais que realizamos. No texto materializa-se o conjunto interconectado de práticas sociais que Fairclough (2010) designa como a ordem do discurso, que é articulação entre gêneros, discursos e estilos. Os gêneros promulgam delimitações no texto, com formas pré-estabelecidas que relacionam determinado gênero a determinada prática so-

cial. Os gêneros discursivos articulam características próprias que os tornam 'relativamente estáveis' (BAKHTIN, 2017), como a escolha vocabular, o padrão de escrita, o meio de divulgação do texto, seu formato, entre outras. Os discursos, no plural, realizam os modos particulares de abordagem dos assuntos que definem o texto, sendo, portanto, um forte indicador da forma como as representações se constitui e se constrói nos textos. Os estilos constituem também 'inculcações' que revelam o *ethos* no discurso (FAIRCLOUGH, 2008).

A articulação de categorias sociológicas e discursivas ilustra a relação entre os textos, como categoria da prática particular do evento. Para chegar até as categorias analíticas, as análises das notícias constituíram um momento de tomada de consciência de questões discursivas e sociais do problema. Um inventário da representação dos atores sociais envolvidos foi importante para compreender o protagonismo ou antagonismo dos/as rodoviários/as.

Os padrões textuais, vocabulares e discursivos úteis para a avaliação do protagonismo ou antagonismo entraram nas análises com o propósito de articular as práticas discursivas às questões sociológicas e às questões geográficas de espaço e tempo entre texto e contexto da representação discursiva de rodoviários. O estudo antropológico de DaMatta (2010) sobre a hierarquização do espaço público foi uma observação pertinente à relação de força entre 'motorista de carro individual' e 'motorista de ônibus'.

A intertextualidade como encadeamento de textos foi utilizada como categoria de análise das notícias, percebendo quais são as vozes trazidas nos textos e suas relações intertextuais. A análise intertextual pode ajudar a identificar em que domínio discursivo estão apoiadas as notícias:

As diferentes vozes relatadas em um texto podem representar diferentes discursos. As vozes selecionadas e as maneiras como são representadas permitem o mapeamento das representações particulares do evento. Por meio delas é possível refletir sobre a articulação dos momentos das práticas envolvidas numa determinada conjuntura (RESENDE; RAMALHO, 2011, p. 106).

Todo texto está filiado a discursos. Os discursos são protagonizados por atores sociais da realidade estudada. Portanto, mapear os atores sociais representados nas manchetes foi uma maneira de entender a forma como o protagonismo de rodoviários/as se dá. Nas duas próximas seções, estão delineadas a análise de algumas das manchetes analisadas no trabalho de doutoramento, do qual este artigo se originou.

Resultados: análise das manchetes do Jornal de Brasília

Nesta seção, apresentamos análise de algumas manchetes, das 34 coletadas durante a pesquisa, afinal é a partir delas que se chama a atenção para que a notícia seja lida. As manchetes representam discursivamente dois atores sociais: *rodoviários* e *governo* (TRT). Podem ser divididas em recorrências de realização temática, a saber: *rodoviários* (15), *greve de/dos rodoviários* (4) + *paralisação de/dos rodoviários* (7), que são repetições da mesma tematização. Há, ainda, a ocorrência de *com os rodoviários em greve* (3), TRT (2), *faixas exclusivas* (1), *bate-boca e agressão* (1) e *depois de dois dias* (1). Então, são dois padrões de recorrência (*rodoviários* (15) e *paralisação/ greve* (11= 7+4)) e cinco ocorrências que diferem do padrão. As realizações temáticas estão ligadas ao fluxo da informação que o/a autor/a intenciona fazer; a tematização, portanto, indica como significados são organizados textualmente com a finalidade de indicar – para os/as leitores/as – fases que processam as significações textuais.

Ao mapear os elementos semântico-discursivos tematizados nas manchetes, percebem-se objetos de análise no aspecto discursivo, levando em consideração o padrão de recorrências temáticas, por exemplo, o ator social 'rodoviários' é tematizado na maioria das manchetes (26), e isso significa dizer que os modos de representação, as escolhas lexicais, bem como os

processos articulados e as posições correspondentes tornam-se visíveis. Vejamos.

Tabela 1. Tematização das manchetes do JBr.

Tematização da manchete	Modo de representação	Escolhas lexicais
Rodoviários	Ativo	<u>Impedem</u> <u>Podem entrar</u> <u>Entram em acordo</u> <u>Fazem</u> <u>Realizam</u> <u>Se reúnem</u> <u>Atendem</u> <u>Encerram</u> <u>Amanhecem</u> <u>Mantêm</u>
Paralisação de/dos rodoviários	Ativo	<u>Pede</u> <u>Prejudica</u> <u>Continua</u> <u>Deve acabar</u> <u>Causa</u> <u>Complica</u>
Greve de/dos rodoviários	Ativo	<u>Preocupa</u>

Fonte: BERTHOLDO (2017, p. 73)

Na Tabela 1, portanto, as escolhas articulam um modo de representação que está inserido nos valores políticos, sociais, culturais e ideológicos da sociedade no contexto discursivo. A sociedade de maneira mais ampla se fragmenta em grupos sociais que podem estar agrupados por categorias profissionais, por exemplo. Dessa maneira, note-se que, quando o modo de representação de rodoviários está em posição ativa de ator social em sua ação, as escolhas lexicais são: ‘impedem’, ‘podem entrar’, ‘entram em acordo’, ‘fazem’, ‘realizam’, ‘se reúnem’, ‘atendem’, ‘encerram’, ‘amanhecem’, ‘mantêm’. A ativação desses participantes perpassa escolhas lexicais que estão no campo material e comportamental e se realizam na representação discursiva de protestos. O fato de a representação discursiva atribuída nas manchetes aos rodoviários estar mais no campo material e comportamental ancora essa categoria ao mundo físico de ações que possuem significados de densidade lexical negativa.

Os campos material e comportamental conectam a análise textual ao espaço, e ao tempo, e à sociedade, e à cidade. Assim como os estudos da geografia de transportes em articulação com a ADC nos propõem³, a explicação espacial sobre a questão da segregação social também é discursiva: nos dados, são apontadas as regiões afetadas pelas paralisações, sendo que por meio das escolhas lexicais, que representam o ator social ‘rodoviários’ ou sua ação de protestar – em que eles aparecem representados de maneira ativa e são agentes do evento.

O transporte no espaço da cidade é um problema discursivo textualizado nas manchetes. Queremos dizer que as formas como as manchetes são construídas anunciam um modo de representação discursivo do problema do transporte público. Fairclough (2010), em seus mais recentes estudos discursivos sobre a política discursiva do Estado (ele fala especificamente da Inglaterra, então é preciso fazer reflexões sobre a adequação de suas propostas a outros contextos), o que ele chama de governança, discute como a ordem discursiva de um determinado tema tem uma relação imbricada com o desenvolvimento econômico. Uma das formas de se conhecer o desenvolvimento econômico de uma cidade é observar quais as classes econômi-

³ A discussão está na íntegra na tese que originou este artigo.

cas que se utilizam do transporte público coletivo.

As maneiras como o evento é representado levam a uma produção de significados que são abordados a partir de estratégias de uso dos itens lexicais e da articulação das ações de atores sociais que representam o contexto do evento. As escolhas lexicais afetam a representação da ação dos atores sociais envolvidos. A semântica em tom pejorativo que os dados nos mostram quando o ator social 'rodoviários' está em posição ativa é de que sua ação é negativa para o todo social. A sociedade do trabalho, nesse contexto, está em posição de prejudicada. O que se percebe é que os dados constroem uma representação discursiva de um ator social que realiza ações que prejudicam o fluxo dos cenários e a mobilidade de outros atores sociais envolvidos.

Ainda na Tabela 1, a ação de prejudicar é materializada no campo do discursivo pelo processo 'prejudicar'. Quando Cocco e Silveira (2011) dizem que o desenvolvimento de transporte públicos e o desenvolvimento econômico mais amplo estão atrelados, configura-se que o discurso, o espaço e os atores sociais estão dentro de um sistema de valor que tem o mercado como referência de estrutura social. A estrutura social, portanto, é construída pela práxis do mercado. Portanto, o modo de representação feito pelas escolhas lexicais que pressupõem que a sociedade é prejudicada pela ação dos/das trabalhadores/as atende a um interesse econômico mais amplo. O valor do salário do/a trabalhador/a já é um referente de seu valor social, político e cultural, o que se torna uma questão ideológica entrelaçada às relações de poder.

A recorrência no padrão das manchetes é topicalizar a notícia com *rodoviários* ou com *greve / paralisação de / dos rodoviários*. Agora, a ocorrência em que *rodoviários* aparece em posição circunstancial - "Com os rodoviários em greve, o jeito foi pedir carona ou ir a pé"; "Com rodoviários em greve, usuário paga o preço da queda de braço" - também é de importante atenção. As duas manchetes em que *rodoviários* estão em posição circunstancial atribuem a posição de vítima passiva aos usuários. A circunstância da greve é a conjuntura do mal-estar da população.

Nas três ocorrências em que governo tematiza a manchete, pressupõe-se os discursos de legitimidade e de autoridade: *nega liminar* e *marca audiência; considera abusiva*. Em diferentes facetas, ao longo dos dados, é construída uma recorrência de discursos hierárquicos entre os atores sociais envolvidos. A pressuposição de discursos hierárquicos é engatilhada pelo contexto semântico que constrói delimitação de espaços, também, hierarquizados entre os atores sociais que são considerados na representação discursiva das notícias.

As manchetes informam sobre o protesto, mas não discutem nem ampliam a problemática do protesto. van Leeuwen (2008) discute quatro categorias principais para a questão do tempo no discurso: convocação do tempo, que impõe o calendário nas atividades sociais por decreto; sincronização social, na qual o sincronismo das atividades sociais refere o tempo de outras atividades sociais; sincronização natural, na qual o sincronismo das atividades sociais refere eventos naturais; e sincronização mecânica, em que o tempo das atividades sociais é sincronizado com o tempo de eventos criados artificialmente. Os dados deste artigo focalizam o tempo discursivo relacionado à sincronização social; já à agenda jornalística analisada, sobre protestos e trânsito, enfoca motoristas de carros particulares, pois fica evidente no decorrer da análise que o chamamento das manchetes presta serviço à conjuntura do fluxo do tráfego do trânsito que, em Brasília, tem como ponto central os carros particulares.

Outra questão que não é levada em consideração nessa compreensão do transporte urbano são os gastos com o carro, impostos e manutenção, além do estresse físico que um motorista tem pela própria característica do tráfego. A precariedade do transporte público é vista como algo irreduzível, ou seja, como algo naturalizado, já que "só pobre anda de ônibus em Brasília". A questão econômica é algo muito forte na solução do problema transporte do público coletivo.

Assim, essas notícias explanam sobre os "conflitos de interesse", já que a paralisação também causou a impossibilidade do líder da oposição do sindicato de comparecer para qualquer negociação: "a militância não pode comparecer justamente pela falta de ônibus, já que muitos moram em regiões afastadas e não têm carro". Aqui percebemos que os/as trabalhadores/as rodoviários/as também são usuários/as do sistema de transporte público bem como

vítimas das situações problemáticas tanto da greve quanto das situações que levam a greve. Atribui-se uma representação discursiva de insatisfação social que é materializada discursivamente na forma de protestos que alteram a fluidez dos carros em favor da mobilidade, pois ironicamente a luta pela mobilidade, em todas as suas vertentes, é veemente o impedimento da mobilidade. Dessa maneira, o protesto de usuários/as é representado discursivamente como opositor ao protesto de rodoviários, no sentido de que um grupo protesta contra o protesto do outro. Na próxima seção, apresentamos a análise das manchetes do Correio Braziliense, levando em consideração, ainda, as recorrências temáticas, bem como as recorrências de realização e os movimentos retóricos.

Resultados: análise das manchetes do Correio Braziliense

As manchetes conferem às notícias sua roupagem inicial, ou seja, anunciam a temática do texto, o que nem sempre corresponde com o desenvolvimento que a notícia realmente propõe. Podemos notar, durante a análise das 58 manchetes coletadas no Correio Braziliense, algumas recorrências no modo de representação dos atores sociais. *Rodoviários* ocupam diversas posições na estrutura sintáticas das manchetes. Para as/os analistas, o empreendimento da análise tem a ver com concepção do que se entende por discurso. Isso envolve, portanto, o interesse nas propriedades que constroem os textos, bem como a produção, a distribuição, o consumo de textos, os processos sociocognitivos de produção e de interpretação dos textos (FAIRCLOUGH 2010; MAGALHÃES, 2004; PARDO ABRIL, 2013; RESENDE, 2015). As facetas discursivas coincidem com os interesses de diversas áreas das ciências humanas e sociais e em concepção de mudanças sociais que relacionam as práticas sociais com as relações de poder.

Nesses termos, as escolhas feitas pelos/as jornalistas em relação aos processos *fazem paralisação, prometem, cruzam os braços, decidem manter e continuam de braços cruzados* como maneiras de representar *rodoviários* em posição ativa e topicalizada constroem uma carga semântica que coloca o ator em um polo específico valorado de forma negativa em termos de sanção social. A densidade de sentido que é causada nesse modo representacional constrói um discurso que é específico acerca de uma prática social particular. Esses processos definem um enfoque particular para a representação da categoria profissional.

Pelo meio discursivo, conseguimos acessar aspectos particulares do tempo e do espaço de uma forma comunicacional: o protesto. Há um investimento ideológico na forma de representação de *rodoviários* nessas manchetes. Quando nos atemos aos exemplos a seguir destacados, notamos que *rodoviários* em posição ativa e ligado diretamente ao seu processo é a escolha mais recorrente nas manchetes. Vejamos exemplos a seguir.

- (E1) Rodoviários decidem manter a paralisação até a segunda-feira.
- (E2) Rodoviários continuam de braços cruzados; governo garante pagamento.
- (E3) Rodoviários prometem travar trânsito com paralisação na quarta-feira.

A construção com as orações adverbiais deslocadas é tão recorrente quanto a construção *rodoviários + adjetivação*, por exemplo, a manchete: “Rodoviários de Ceilândia ameaçam paralisar outra vez nesta terça”. A adjetivação nesse caso é uma forma de espacializar o discurso do protesto, já que nessas manchetes estão especificadas quais os locais ou as empresas a que esses *rodoviários* estão conectados. Dessa maneira, nessas manchetes em que *adjetivação* do tópico *rodoviários* se faz presente, há uma distinção clara entre *rodoviários de cooperativa* e demais *rodoviários*. *Rodoviários de cooperativa* ganham menos que os *rodoviários* que fazem as linhas das cinco bacias rodoviárias do Distrito Federal. Isso implica também em questões políticas e da ordem social do trabalho, já que as questões econômica e laboral estão pressupostas na diferenciação das duas categorias de *rodoviários*.

Notemos que os efeitos não discursivos dessas notícias são as espacialidades, a *adjetivação* que delimita o local ou locais afetados pela greve. Esse efeito da espacialidade de questões sócio geográficas, revela-se discursivamente. É um efeito discursivo que remete ao

extra semiótico de modo nenhum é um efeito não discursivo. Esse efeito, por conseguinte, está ligado a classe socioeconômica das pessoas e isso também tem relação com o lugar onde elas moram.

Há vários padrões de recorrência e tipos de ocorrência fora de padrão, por exemplo, a metáfora de “cruzar os braços”, as manchetes sobre decisões de rodoviários, são representados, nesses casos, em posições empoderadas de decisão. Contudo, conforme podemos ver nos exemplos a seguir, a sanção social que esse empoderamento representa é negativa, pois a escolha lexical pelo processo *atrapalhar*, por exemplo, denota a sanção social negativa. Vejamos.

- (E4) Rodoviários cruzam os braços e atrapalham 150 mil passageiros
- (E5) Rodoviários de cooperativas cruzam os braços novamente em oito cidades
- (E6) Rodoviários de cooperativa cruzam os braços por falta de pagamento
- (E7) Rodoviários continuam de braços cruzados; governo garante pagamento

Percebemos que *cruzar os braços* participam de uma representação posicionada da categoria profissional. Aqui, portanto, estamos dispendo de exemplos de dados jornalísticos, que demonstram que apesar do protagonismo, a categoria está sancionada discursivamente de maneira negativa.

As categorizações sociais que determinam o ser e estar no mundo dos indivíduos e dos grupos estão relacionadas aos espaços sociais e geográficos que ocupam na sociedade. Assim, o ‘sabe com quem você está falando?’ (DAMATTA, 1998) se transforma no ‘sabe onde eu moro?’ (BERTHOLDO, 2017), o que também é uma relação de poder. O espaço que se ocupa na cidade tem a ver com espaço social e econômico de cada cidadã/o.

A hegemonia está estruturada nos privilégios econômicos, o que significa dizer que se os dados apontam para as notícias sobre salários, dinheiro, como as que põem em protagonismo o ator sindicato. Assim como nos dados do JBr., aqui também se pressupõe que o serviço prestado pelo sindicato é dos interesses econômicos em favor de interesses particulares de um grupo dentro do grupo. Observar a construção textual e o padrão de “organização dos Temas de um texto e da estrutura de informação desse texto revela não apenas o que o autor coloca em destaque, como também nos traz importantes pistas sobre o desenvolvimento do texto” (VENTURA; LIMA-LOPES, 2008, p. 01). Dessa maneira, a tematização do ator social sindicato demonstra um padrão que está ligado ao discurso da negociação. Na construção textual dessas manchetes, há uma “produção de um sistema de ideias” (SANTOS, 2006, p. 09), em que a geografia entra na perspectiva de se entender como essa representação discursiva descreve os atores sociais e as relações deles entre si. Para Santos (2006), a geografia deve contribuir para a produção de uma teoria social crítica. Dessa forma, revela-se o *ethos* do discurso que representa o ator sindicato: o *ethos* do negociador e do legitimador. O *ethos* discursivo do ator social que é representado está associado a atividade de tempo que está estruturada. O tempo de convocação é representado como uma imposição através de uma autoridade convocada. Quando um tempo de convocação é personalizado, quando uma convocação de tempo é personalizada, é dada por alguém que tenha, no contexto dado, o direito de autorizar o tempo de atividades de outro participante ou tipo de participante, este sempre foi um sinal de poder absoluto. O tempo convocado é instrumentalizado, conforme os exemplos a seguir.

- (E8) Um compromisso de fazer o pagamento a partir das 12h de amanhã (23/09).
- (E5.9) Às 9h da manhã e só volta a operar os ônibus quando sair o pagamento.

As representações discursivas do tempo de convocação instrumentalizado são realizadas através de orações com processo material. Podemos notar, nos dados acima, que há uma sincronização entre o tempo de referência –, fazer o pagamento, só volta a operar. Em outras palavras, aqui a localização e a extensão de atividades sociais são temporais em relação a outras atividades sociais –12h de amanhã, às 9h da manhã. Na sincronização, atividades sociais são sincronizadas com outras atividades sociais que resultam de práticas em que o tempo é calculado e que ações humanas podem ser sincronizadas. Assim, podemos notar que o tempo

discursivo da tematização de sindicato nessas notícias é convocado, corporificado, instrumentalizado e sincronizado socialmente.

De acordo com as categorias propostas por van Leeuwen (2008) para classificação do tempo discursivo, tem o tempo discursivo articulado a suas ações de maneira localizada, sincronizada tanto corporificada como socialmente, é recorrente (já que os protestos sobre atraso de salários também são recorrentes), porém de maneira inexada, já que precisa de elementos externos que engatilham as paralisações, e é regulado de acordo com horários pré-estabelecido socialmente como maneira de chamar maior atenção para o protesto. O tempo é localizado porque está situado na convocação do tempo e sincronizado com as atividades sociais e é corporificado, por exemplo, na metáfora de 'cruzar os braços'. A notícia on-line, nos termos de Santos (2001), é "cronofágica": Nessa sociedade cronofágica, à qual o tempo cede, nós encontraremos a cidade, tal como descrita por Ballard (1960), no seu conto de ficção Chronopolis:

dizia ele que, no seu esplendor, essa cidade era como um organismo fantásticamente complexo. Transportar a cada dia quinze milhões de empregados de escritório, manter o serviço de eletricidade, de água, de televisão, administrar essa nossa população, tudo isso dependia de um só fator: o tempo! Esse organismo não poderia subsistir senão sincronizando estritamente cada passo, cada refeição, cada chamada telefônica. Daí, houve necessidade de descongestionar os horários, segundo a zona da cidade. Os carros tinham placas de cores diferentes, de acordo com o horário em que podiam circular, e assim o sistema se generalizou. Só se podia ligar a máquina de lavar, postar uma carta ou tomar um banho, durante uma faixa determinada de tempo. Um sistema de cartas coloridas e uma série de quadros publicados a cada dia, assim como programas de televisão, permitiam a cada pessoa sua localização dentro daquela faixa de tempo. [...] Nesse entretempo, os relógios desapareceram de São Paulo, e reapareceram agora, quando São Paulo se torna cronópolis. São Paulo se torna cronópolis como qualquer outra grande cidade do mundo, ao mesmo tempo em que as assincronias e as dessincronias se estabelecem. O império do tempo é muito grande sobre nós, mas é, sobre nós, diferentemente estabelecido. Nós, homens, não temos o mesmo comando do tempo na cidade; as firmas não o têm, assim como as instituições também não o têm (SANTOS, 2001, p. 22).

Isso quer dizer que, paralelamente a um tempo que é sucessão, temos um tempo dentro do tempo, um tempo contido no tempo, um tempo que é comandado, aí sim, pelo espaço. O tempo discursivo não se dissolve no espaço discursivo, ambos coexistem para articular as experiências dos atores sociais. As experiências ocupam um espaço, em diferentes espaços, mas ao mesmo tempo, funcionam na mesma cidade diversas atividades sociais "não de modo harmonioso, mas de modo harmônico" (*Ibid*). O que Santos sugere é que a convivência das pessoas de diferentes classes sociais só se dá nas grandes cidades por causa dos espaços. "Isso é possível porque há um tempo dentro do tempo, quer dizer, o recorte sequencial do tempo" (*Ibid*) dentro do espaço.

O contexto que aqui se estuda pode ser observado os contextos, pelo espaço discursivo e pelo tempo discursivo, dos textos. "O espaço é tempo, coisa que somente é possível através desse trabalho de empiria que nos é admissível, concebendo a técnica como tempo, incluindo entre as técnicas, não apenas as técnicas da vida material, mas as técnicas da vida social, que vão nos permitir a interpretação de contextos sucessivos" (*Ibid*).

Conforme dito na seção de metodologia, este artigo está afiliado à ADC e à pesquisa

qualitativa e por isso sua análise não pretende de maneira alguma esgotar ou mesmo quantificar a questão discursiva dos protestos e do tempo e espaço discursivo das manchetes sobre a temática, mas, sim, provocar uma reflexão dentro dos estudos discursivos acerca do papel social do transporte público nas cidades a partir do protagonismo de trabalhadores/as que estão em constante destaque nas manchetes de jornais. A seguir fazemos algumas considerações com o intuito de por ocasião finalizar essa reflexão, mas com o desejo que seja uma provocação para outros estudos discursivos que abracem a temática, inclusive dentro de outras filiações de AD diferentemente da que aqui nos propusemos.

Considerações Finais

As manchetes analisadas oferecem a ideia de que a linguagem, bem como a geografia e sociologia são campos que possibilitam a realização do conhecimento discursivo sobre o dado problema social. O entrosamento entre discurso e mídia permite o entendimento do tempo e do espaço discursivo na articulação entre o modo de representação discursiva e os atores sociais.

Uma das categorias que emergiu nos dados foi a de tempo e espaço discursivo. De acordo com Santos (2001), o tempo pode ser visto das mais diversas maneiras. O tempo a que aqui nos referimos é o tempo colocado por Elias (1997) e recontextualizado para o discurso por van Leeuwen (2008), é o tempo discursivo sincronicamente social. Parafrazeando Santos (2001), podemos dizer que o tempo discursivo, assim como o tempo social, não flui de maneira uniforme, o tempo discursivo converge na experiência humana, isso não significa dizer que ele será convergente com a análise da representação. A ideia de periodização dos jornais e dos acontecimentos é presente na representação discursiva e no tempo discursivo. As manchetes, portanto, são a materialidade do evento discursivo diante de nós, é uma adição do passado e do presente. Basta ler as manchetes para nos defrontarmos com aspectos dos sentidos sociais que foram criados e estabelecidos em momentos que não estão mais presentes, “que foram presentes no passado” (SANTOS, 2001, p. 22).

A análise de dados de manchetes é uma técnica para se entender um momento das possibilidades de realização humana e no caso em tela de uma categoria profissional dentro de uma temática discursivamente construída e analisada:

Se considerarmos a história do espaço e do tempo ao longo da História, vamos ver que ela é o passar de momentos que se propuseram justapostos, isto é, em que cada sociedade que criava o seu tempo através de suas técnicas, através do seu espaço, através das relações sociais que elaborava, através da linguagem que conjuntamente criava também, a tempos que não são mais justapostos, tempos que são superpostos, isto é, aquele momento que o capitalismo entroniza, no qual há uma tendência à internacionalização de tudo e que vai se realizar plenamente nos tempos dos quais somos nós contemporâneos, onde há uma verdadeira mundialização (SANTOS, 2001, p. 21).

O próprio meio que veicula os dados, a internet, é de uma sociedade síncrona e assíncrona, em que tudo acontece ao mesmo tempo e que tudo fica registrado para se ‘ver depois’. Assim, a obsessão pelo tempo é clarificada na datação do horário de publicação, do horário da atualização, do dia e hora que a greve começou ou terminou. As diversas organizações do tempo discursivo no contexto das manchetes sobre paralisações nos mostram padrões discursivos para a temática de um assunto, como as escolhas lexicais chavões, os modos de representação de cada ator que constroem o discurso da hierarquização da ordem do trabalho. Os dados no mostram, portanto, que nada é por acaso. Tempo e espaço também são elementos semióticos

construídos discursivamente.

Os conceitos e as classificações representados discursivamente formulam as articulações dos atores envolvidos. A representação semântica básica feita por meio das escolhas lexicais recorre às relações entre os elementos semânticos contidos nas formas que se associam ao tempo e ao espaço discursivo do evento. Das relações entre os elementos semióticos, estabelece-se que o “ator e suas ações executadas é suscetível de se localizar espaço-temporalmente” (PARDO ABRIL, 2013, p. 207).

A partir do campo semântico a que cada ator está associado de uma maneira mais ampla, percebe-se que as articulações dos significados representacionais são definidas em função dos atores e seus papéis sociais na temática estudada. Dessa maneira, a manchete materializa como são compreendidos os atores e como são definidos o espaço e o tempo do evento discursivo na construção textual. A construção textual também é social e delimita, a partir do ponto de vista de determinados interesses, as representações das classes sociais em relação a mobilidade urbana e a ocupação da cidade

A cidade é o palco de atores os mais diversos: homens, firmas, instituições, que nela trabalham conjuntamente. Alguns movimentam-se segundo tempos rápidos, outros, segundo tempos lentos, de tal maneira que a materialidade que possa parecer como tendo uma única indicação, na realidade não a tem, porque essa materialidade é atravessada por esses atores, por essa gente, segundo os tempos, que são lentos ou rápidos. Tempo rápido é o tempo das firmas, dos indivíduos e das instituições hegemônicas e tempo lento é o tempo das instituições, das firmas e dos homens hegemonzados. A economia pobre trabalha nas áreas onde as velocidades são lentas. Quem necessita de velocidades rápidas é a economia hegemônica, são as firmas hegemônicas. É para esta classe que tem significação uma avenida como a dos Bandeirantes, ou estradas como a dos Bandeirantes e a Anhanguera, que são estradas que sobretudo interessam aos agentes hegemônicos e às pessoas ricas que usam melhor, do seu ponto de vista, essas estradas. Do aeroporto ao centro da cidade vai-se muito depressa, criam-se condições materiais para que o tempo gasto na viagem seja curto. Já entre os bairros vai-se mais devagar, no sentido de que não há uma materialidade que favoreça o tempo rápido (SANTOS, 2001, p. 22).

A cidade é um espaço legítimo e dentro da cidade há outros espaços legitimados de acordo com a classe social e as práticas sociais ali difundidas. O discurso do protesto inclui-se aí, e é ‘cenário’, pois é parte irreduzível da prática social, tanto da mobilidade urbana quanto dos atos de protesto.

O discurso da hierarquização, que é tom dado pela imprensa nas manchetes sobre os protestos de rodoviários, conta uma história que é construída e reconstruída em cada narrativa sobre o assunto. Há uma narrativização temática, um *modus operandi* de ambos os jornais que discutem e constroem significados sobre as paralisações / protestos de rodoviários. O padrão de uso de itens lexicais aponta para a construção de um ponto de vista único que naturaliza as paralisações e mitiga as questões trabalhistas e as precariedades do transporte público coletivo.

Importante lembrar que a imprensa tem um poder educativo, no sentido de ser formadora de opinião legitimada socialmente, com autoridade argumentativa, e que faz uso desse atributo sempre que os interesses de classe a quem representa e que domina a sociedade são colocados em questionamento e podem acirrar ainda mais os conflitos (PASQUINI & TOLEDO, 2008). Por fim, destacamos que em tempos de vida virtual, as manchetes tornaram-se a leitura mais usual para se estar ‘antenado’ com os acontecimentos, por isso reforçamos a necessidade

de estudos discursivos desse gênero.

Referências

BAUER, M. W., & GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petropolis: Vozes, 2011.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BERTHOLDO, S. **Discurso, espaço e tempo: trabalho e luta de rodoviários no Distrito Federal**. Brasília. Universidade de Brasília, 2017.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis**. Edinburgh: University Press, 1999.

COCCO, R. G.; SILVEIRA, M. R. **Circulação, transportes e logística: diferentes perspectivas**. São Paulo: Appris, 2011.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **A casa & a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

ELIAS, N. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

ENGELS, F. **Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. In: Antunes, R. **A dialética do trabalho: escritos de Marx e Engels** (p. 13-29). São Paulo: Expressão popular, 2013.

FAIRCLOUGH, N. **Critical Discourse Analysis: the critical study of language**. United Kingdom: Pearson, 2010.

_____. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UnB, 2008.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

KOVACK, B.; ROSENSTEIL, T. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

JORGE, T. **Mutação no jornalismo: como a notícia chega à internet**. Brasília: Editora UnB, 2013.
LAGE, N. (2006). **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors: we live by**. Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 2003.

MAGALHÃES, I. **Teoria crítica do discurso e texto**. Rev. Linguagem em (Dis)curso, 2004, p. 113-131.

MASON, J. **Qualitative Research**. Londres: SAGE, 2002.

MEY, J. L. **As vozes da sociedade**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

PARDO ABRIL, N. G. **Cómo hacer análisis crítico del discurso: una perspectiva latinoamericana**. Bogotá, Colombia: Universidad Nacional del Colombia, 2013.

_____. **O discurso multimodal e multimídia: explorações analíticas.** In: **Outras perspectivas em análise de discurso crítica.** (Trad. Sinara Bertholdo). São Paulo: Editora Pontes, 2016.

PASQUINI, A. S.; TOLEDO, C. A. (2008). **O discurso pedagógico e político da hierarquia da Igreja Católica em Maringá (PR) nos anos 60 e 70 do século XX n' O Jornal de Maringá.** Roteiro, Joaçaba, v. 33, n. 1, p. 51-76, jan./jun. 2008.

RESENDE, V. M. **Análise de discurso crítica e etnografia: o movimento nacional de meninos e meninas de ruas, sua crise e o protagonismo juvenil.** Brasília: Universidade de Brasília, 2008.

_____. **Violência simbólica: representação discursiva da extrema pobreza no Brasil - relações entre situação de rua e vizinhança.** *Discurso & Sociedad*, 106-128, 2015.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. **Análise de discurso crítica.** São Paulo: Contexto, 2011.

RICHARDSON, J. E. **Analysing newspapers: an approach from Critical Discourse Analysis.** New York: palgrave macmilan, 2007.

SANTOS, M. **A natureza do espaço.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____. **Tempo nas cidades.** Coleção Documentos, série Estudos sobre o Tempo, fascículo 2, fevereiro de 2001.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.** Petrópolis: Vozes, 2011.

VAN LEEUWEN, T. **Discourse and practice: new tools for critical discourse analysis.** Oxford: University Press, 2008.

VENTURA, C. S.; LIMA-LOPES, R. E. **A transitividade em português.** *DIRECT Papers* 55 -2008.

VERÓN, E. **A produção de sentido.** São Paulo: Cultrix, 1980.

VILLAÇA, F. **São Paulo: segregação urbana e desigualdade.** *Estudos avançados* 25 (71), 2011.

ZIZEK, S. **Um mapa da ideologia.** Rio de Janeiro, RJ: Contraponto, 1996.

Recebido em 29 de setembro de 2020.

Aceito em 20 de outubro de 2020.